L4BHD UFB4

ALÁFIA LAB

DO MEME AO ÓDIO:

COMO O RACISMO SE MANIFESTA NAS PLATAFORMAS DIGITAIS

ÍNDICE

1 Apresentação 4

2 Sobre Racismo 8

3 Principais Achados 9

4 Aparência 10

5 Territorialidade 12

6 Gênero 17

7 Para Refletir 20

8 Nota Metodológica 21

FICHA EDITORIAL

Realização:
Aláfia Lab e LABHDUFBA

Apoio:
Ibirapitanga | Ford Foundation | Internet Lab

Pesquisa, análise e redação (ordem alfabética):
Alan Delazeri Mocellim (Professor UFBA), Daniel de Sena Bastos (IC), Desirée Vitória Vigas Melo (Mestranda UFBA), Ellen Guerra (AlafiaLab), Graziela de Souza Teixeira (IC UFSC), Juciane Pereira de Jesus (Doutoranda USP), Leonardo Fernandes Nascimento (Professor UFBA), Leonardo Thibau Teixeira de Moraes (Mestrando UFBA), Leticia Maria Costa da Nobrega Cesarino (Professor UFSC), Rodrigo Carreiro (AlafiaLab), Rosana Silva Moore Wedderburn (PosDoc UFBA), Ruan Arthur Lima Santos (IC), Tarssio Brito Barreto (Cientista de Dados)

Projeto Gráfico e diagramação:
Gabriel Tourinho

COMO CITAR ESTE RELATÓRIO:

Em estudos acadêmicos

Do Meme ao Ódio: Como o Racismo se Manifesta nas Plataformas Digitais. Salvador: Aláfia Lab e LABHDUFBA, 2025, 26p.

Na imprensa e em outras fontes

Do Meme ao Ódio: Como o Racismo se Manifesta nas Plataformas Digitais. De autoria do Aláfia Lab e LABHDUFBA. 2025

APOIO: INTERNET LAB IBIRAPITANGA Ford Foundation

REALIZAÇÃO: L4BHD UFB4 ALÁFIA LAB

APRESENTAÇÃO

Nos últimos anos, o ambiente digital tornou-se um espaço de intensa interatividade e troca de informações, e por isso também uma arena onde ideologias nocivas, como o racismo, se manifestam de múltiplas formas. Reconhecendo essa problemática, **o Aláfia Lab - que realiza o Observatório do Racismo nas Redes -, em parceria com o Laboratório de Humanidades Digitais da Universidade Federal da Bahia (LABHDUFBA)**, produziu este relatório com o intuito de contribuir para o debate sobre como o racismo e suas nuances se expressam em plataformas digitais de mídias sociais no Brasil.

Ao longo dos últimos três anos, o Observatório tem se dedicado a mapear e compreender as diversas manifestações do racismo no ambiente digital. **O foco está em entender como esses ataques ocorrem em redes como Instagram, X, TikTok e YouTube, investigando as dinâmicas e táticas empregadas para disseminar discursos racistas.** As pesquisas revelaram que os ataques racistas atingem pessoas negras de diversas maneiras, utilizando uma linguagem variada e, muitas vezes, difícil de identificar a relação com o racismo nessas plataformas mainstream.

No presente relatório, concentramos a análise do fenômeno do racismo em dois contextos distintos com o intuito de compreender melhor esses padrões e estratégias discursivas nas plataformas digitais. **No primeiro, observamos a ocorrência de manifestações racistas no Instagram**, plataforma que permite uma ampla visibilidade das postagens e comentários acessíveis a qualquer usuário que navegue por ela de modo instantâneo.

No segundo contexto, analisamos as manifestações em chats do Telegram, um aplicativo de mensagens instantâneas, de API aberta, que se destaca pela ênfase em segurança e privacidade. O Telegram permite a criação de grupos de até 200 mil membros e canais que podem transmitir informações para um público ilimitado. Tanto os grupos quanto os canais podem ser públicos ou privados. A política de moderação do Telegram prevê bloqueios de grupos e canais que violam seus Termos de Serviço, incluindo incitação à violência, compartilhamento de materiais de abuso infantil e comércio de produtos ilegais.

Segundo informações em um de seus canais oficiais, **desde o ano de 2015, a moderação do Telegram tem combinado denúncias de usuários com monitoramento proativo** impulsionado por aprendizado de máquina e, no início do ano de 2024, a esse esforço foram somadas ferramentas de moderação por IA.

De acordo com dados da plataforma, 5.939.088 grupos e canais foram bloqueados em 2025 por violarem os Termos de Serviço da mesma. No entanto, o que temos observado é que a moderação de conteúdo que dissemina discursos nocivos, como racismo, misoginia, xenofobia e transfobia no Brasil, em chats criados na plataforma, tem se mostrado ineficiente. O caráter ideológico e racista dos conteúdos vêm, na maioria das vezes, disfarçados de humor e o Telegram passa a ser o locus seguro onde o humor racista pode ser acessado e compartilhado sem ser censurado. Pelo contrário, há um reforço dos pares que compartilham das mesmas ideias.

Podemos citar, por exemplo, aqueles que identificamos como sendo do clã dos kkk, canais e grupos no Telegram que são abertamente racistas, misóginos e xenófobos. Como veremos logo a seguir, abusam de imagens, GIFs, memes, comentários sociais, intertextualidade para perpetuar estereótipos raciais, objetificar as mulheres ou deslegitimar identidades de gênero e incitar o ódio, reforçando um comportamento hostil contra essas comunidades. Assim, a moderação menos rigorosa na plataforma contribui, em alguns casos, para encorajar usuários a promover discursos violentos contra determinadas pessoas e grupos sociais. Isso contrasta com plataformas mais acessíveis, que estão sujeitas a um controle social mais efetivo porque são mais expostas ao crivo social. Esse controle social é uma forma de garantir que a liberdade de expressão não seja usada como desculpa para disseminar ódio e violência.

As plataformas digitais, ao oferecerem ambientes distintos, desempenham um papel fundamental na configuração da dinâmica social online. Então, ao analisar aspectos como visibilidade, moderação de conteúdo, interação entre usuários e a priorização da privacidade e da liberdade de expressão, podemos compreender como essas variáveis impactam as experiências dos usuários. Essa contextualização, portanto, nos permite categorizar as redes sociais em dois grupos principais: as redes subterrâneas, como o Telegram e Discord, e as redes de superfície, como o Instagram e o X.

Redes Sociais Subterrâneas: entendemos como espaços digitais menos visíveis e controlados, como grupos no Telegram ou em fóruns fechados, onde a comunicação é mais restrita e as interações ocorrem em ambientes com menor ou nenhuma moderação da plataforma, baseado em menor transparência, permitindo discussões que podem facilmente escapar da supervisão pública.

Redes Sociais de Superfície: entendemos como plataformas digitais amplamente visíveis e acessíveis, como Facebook, TikTok e Instagram, que permitem a interação e a divulgação de conteúdos de maneira ampla. Nesses espaços, o conteúdo é facilmente compartilhado, comentado e disseminado por um grande público, favorecendo a visibilidade e a participação em discussões públicas.

Essa classificação deve ser vista como um espectro, uma possibilidade de análise em razão da fluidez e da complexidade que marcam as plataformas digitais, além de considerar as políticas de moderação que podem evoluir ao longo do tempo, influenciadas inclusive por contextos sociais, econômicos e políticos. Em 2025, por exemplo, no contexto da posse de Donald Trump como Presidente dos Estados Unidos, a Meta tomou a decisão de encerrar seu programa de checagem de fatos — um esforço de quase uma década — respondendo a uma pressão por maior liberdade de expressão, buscando descartar preocupações relacionadas ao viés político. A mudança nas políticas de moderação e a reorientação da Meta em relação ao conteúdo que permite veicular podem contribuir ainda mais para a proliferação de discursos problemáticos nas redes sociais, o que requer uma análise cuidadosa das consequências para a inclusão e a diversidade nas interações online.

Esse cenário apresenta um complexo conjunto de implicações sobre a dinâmica do racismo e de outras formas de discriminação no espaço digital. Essas plataformas podem apresentar uma mistura de características que as tornam tanto um espaço para discussões saudáveis quanto um ambiente propício para a disseminação de discursos de ódio. À medida que as plataformas evoluem, é essencial que continuemos a examinar criticamente como essas mudanças moldam as experiências dos usuários e as conversas sociais, especialmente em um momento tão delicado e polarizador na esfera política.

Na presente pesquisa, aprofundamos a investigação tanto para entender as diferentes manifestações do racismo em redes de superfície, analisando conteúdo do Instagram, quanto em redes subterrâneas, a partir de conteúdo do Telegram.

Para analisar de que maneira o racismo se manifesta nas redes de superfície e subterrânea, utilizamos como referência o estudo “O racismo não anda só: as cinco dimensões do racismo nas redes”, publicado pelo Observatório em 2023. Esse estudo mapeou cinco categorias do racismo nas redes sociais a partir da análise de comentários e menções direcionadas a personalidades negras. As dimensões identificadas foram: **aparência** (associada a características físicas e ao corpo), **territorialidade** (relacionada a espaços marginalizados e representações pejorativas), **religiosidade** (liberdade de expressão religiosa), **formas de expressão** (modos de se comunicar e agir) e **gênero** (misoginia e discriminação). Ao aplicar essa estrutura à nossa investigação sobre redes sociais subterrâneas e redes sociais de superfície, identificamos que três dessas dimensões – **aparência, territorialidade e gênero** – estão fortemente presentes no Telegram.

Nossa análise identificou duas estratégias discursivas predominantes nas plataformas: a desumanização e a desqualificação. Especificamente no Telegram, o racismo se manifesta de forma explícita e escancarada, com ataques disfarçados de humor e disseminados principalmente por meio de textos de mensagens, memes, imagens e GIFs. Os grupos que promovem esse tipo de conteúdo frequentemente incluem expressões como “kkk” em seus nomes, reforçando a ideia de que se trata apenas de uma “brincadeira”, o que normaliza e legitima discursos de ódio. Já no Instagram, o racismo se apresenta de maneira mais velada e camuflada, uma vez que os usuários buscam driblar os sistemas de moderação. Para isso, recorrem ao uso estratégico de emojis, GIFs e eufemismos, além de adotarem um tom opinativo para mascarar mensagens racistas, tornando a detecção do conteúdo de cunho racista mais difícil.

As plataformas digitais não operam isoladas da sociedade; pelo contrário, refletem e amplificam as dinâmicas sociais, culturais e políticas do mundo real. O racismo, profundamente enraizado na história e na estrutura social brasileira, encontra nesses espaços digitais novas formas de reprodução e disseminação. Diante desse cenário, este relatório tem como objetivo analisar as expressões do racismo no Instagram e no Telegram, contrastando como ele se manifesta nesses dois ambientes: de um lado, uma rede social mainstream, onde há algum nível de moderação; de outro, um espaço menos regulado, onde o discurso de ódio circula com maior liberdade.

SOBRE RACISMO

No Brasil, isso é crime!

CONSTITUIÇÃO FEDERAL DE 1988

Estabelece a igualdade de todos perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo a proteção contra a discriminação racial.

LEI Nº 7.716/1989, CONHECIDA COMO A LEI CAÓ

É um marco importante na luta contra o racismo no Brasil. Ela tipifica os crimes de discriminação e preconceito baseados em raça, cor, etnia, religião ou origem nacional. O que torna essa lei ainda mais rigorosa é que, quando os crimes são cometidos em contextos de descontração, diversão ou recreação, as penas podem ser aumentadas de um terço até a metade.

A LEI Nº 14.532/2023 ALTERA A LEI CAÓ E O DECRETO-LEI Nº 2.848/1940

Para tipificar como crime de racismo a injúria racial, e prevê ainda pena para o racismo religioso e recreativo, bem como para o praticado por funcionário público.

LEI Nº 12.288/2010

Institui o Estatuto da Igualdade Racial, estabelece políticas de promoção da igualdade racial e combate à discriminação, além de criar mecanismos de reparação para as vítimas de racismo.

PRINCIPAIS ACHADOS:

- **Os ataques racistas identificados nas redes sociais subterrâneas e redes sociais de superfícies analisadas seguem majoritariamente duas estratégias:** desumanização, em que pessoas negras são retratadas como menos humanas, frequentemente associadas a estereótipos negativos e animalização; e desqualificação, que busca invalidar suas experiências, identidades e perspectivas.
- **Uso de gêneros textuais digitais para disseminação de ataques racistas:** memes, emojis e GIFs são amplamente utilizados para propagar discursos racistas.
- **O humor como ferramenta para disseminação do ódio: o discurso de ódio racial nas redes sociais muitas vezes se disfarça de "piadas" e "brincadeiras", tentando normalizar a violência simbólica.** No Telegram, essa estratégia é ainda mais evidente, com grupos que não apenas propagam ataques racistas abertamente, mas também utilizam o humor como escudo para evitar responsabilização. O uso de expressões como “kkkk” nos nomes de canais, como "pretokkk", reforça a ideia de que o conteúdo ali compartilhado seria apenas uma forma de entretenimento, mascarando a gravidade do discurso. Já no Instagram, o racismo aparece de forma mais disfarçada, evitando termos explícitos e recorrendo a eufemismos, emojis e comentários opinativos de cunho racista que escapam da moderação da plataforma. Essa diferença evidencia como as redes subterrâneas permitem um ambiente mais permissivo para ataques abertamente racistas, enquanto nas redes de superfície, o racismo persiste de maneira mais velada, mas ainda assim presente.
- **Interseccionalidade nos discursos de ódio:** os ataques racistas não ocorrem isoladamente, mas estão frequentemente acompanhados de outros discursos discriminatórios, como misoginia e xenofobia.

COMO O DISCURSO RACISTA SE APRESENTA EM REDES SOCIAIS SUBTERRÂNEAS E REDES SOCIAIS DE SUPERFÍCIE E QUAIS SÃO SUAS PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS?

APARÊNCIA

A categoria Aparência no discurso racista está relacionada às características físicas e ao corpo das pessoas negras, sendo uma das estratégias mais comuns de desumanização. Nestes casos, uma das formas mais evidentes dessa estratégia é o uso de comparações de pessoas negras com animais, como "macaco" ou "urubu", e a vasta utilização de iconografias relacionadas.

INSTAGRAM | Como se expressa?

O racismo ligado à aparência se expressa por meio de ataques a características físicas e aspectos visuais da identidade de uma pessoa. Um caso amplamente discutido nos relatórios anteriores do Observatório de Racismo nas Redes é o de Vini Jr., alvo frequente de racismo em suas redes sociais. Nos comentários de suas postagens, é comum encontrar insultos que utilizam o termo "Mono" e “macaco", diferentes emojis (🐵🙈🙉🐒🦍🙊) e gifs de macacos.

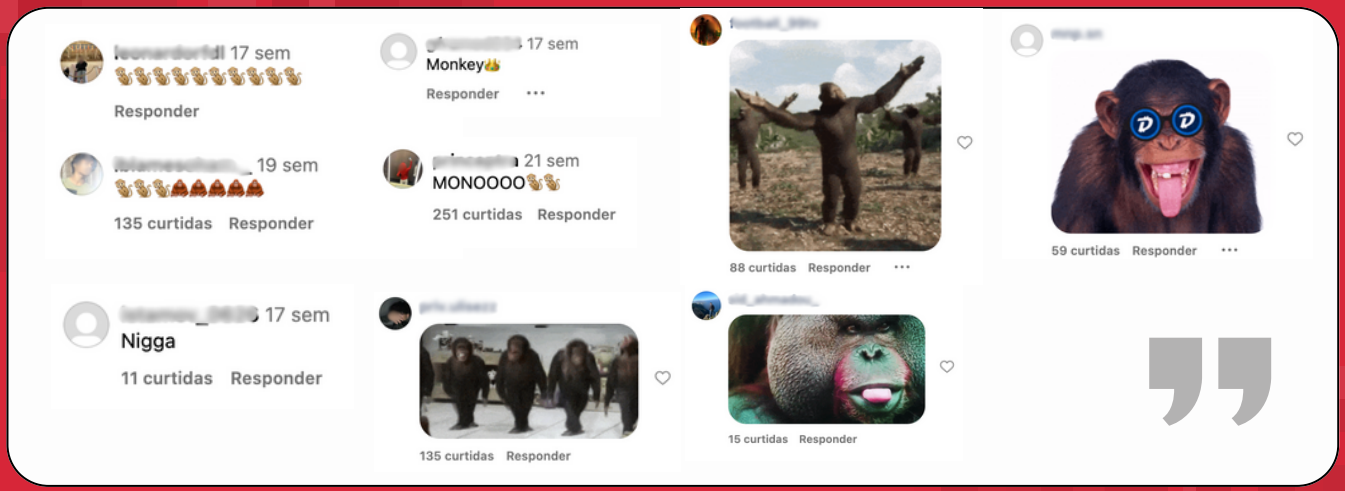

Imagem 1 - Exemplos de comentários racistas no Instagram

INSTAGRAM | Quais as características?

Os ataques a Vini Jr. no Instagram tornaram-se persistentes e não estão relacionados a uma discussão específica; eles são constantes e independem das circunstância das postagens. Os ataques são amplificados pela intensidade e repetição das ofensas.

As principais estratégias do discurso relacionadas a categoria Aparência seguem padrões de desumanização e desqualificação, visando reforçar estereótipos raciais que marginalizam e inferiorizam pessoas negras. Essas ações, carregadas de conotações pejorativas, são projetadas para desumanizar e desqualificar, rebaixando o corpo negro a algo inferior.

TELEGRAM | Quais as características?

A categoria aparência no discurso racista está relacionada às características físicas e ao corpo das pessoas negras, sendo uma das estratégias mais comuns de desumanização. Nestes casos, uma das formas mais evidentes dessa estratégia é o uso de comparações de pessoas negras com animais, como "macaco" ou "urubu", e a vasta utilização de iconografias relacionadas.

- ***Quais imagens?***
- ***Quais memes?***
- ***Quais as características do discurso?***

A maioria das imagens compartilhadas reforça um **estereótipo extremamente negativo, associando constantemente pessoas negras à criminalidade, falta de higiene, hipersexualização e violência.** No caso das mulheres negras, a representação segue um padrão pejorativo, retratando-as como pobres, com muitos filhos e dependentes de ajuda externa, seja por meio do programa Bolsa Família ou de doações.

A violência contra pessoas negras, especialmente homens, é incentivada em várias postagens, reforçando sua desumanização. Um exemplo disso é o canal “pretokkk”, onde é recorrente o uso de uma figura caricatural associada aos homens negros: um personagem humanoide com traços negróides exagerados, sempre vestindo a camisa do Flamengo e colocado em cenários degradantes. Essas representações racistas buscam reforçar estigmas e justificar a marginalização da população negra.

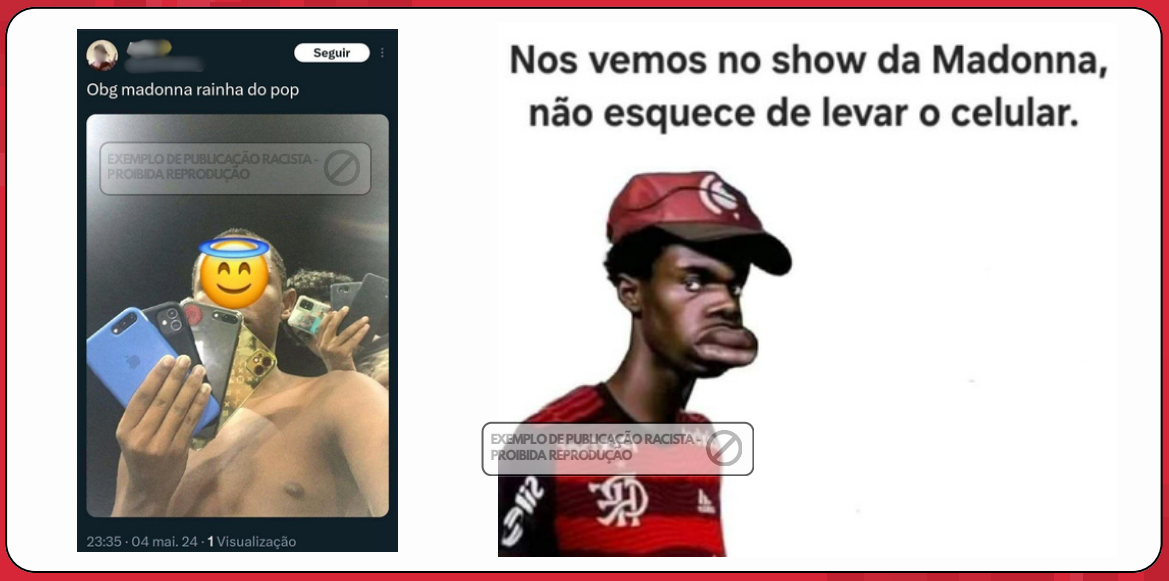

Imagem 2 - Postagens do canal "pretokkk" no Telegram

No Telegram, outro tipo de ataque racista ligado à aparência gira em torno da figura do pardo, que é vista de forma contraditória nesses grupos. Ele é tratado como uma anomalia, resultado de uma miscigenação indesejada. Muitas vezes, a identidade parda é associada ao nordestino, e as imagens destacam traços considerados indesejáveis, como a cor da pele, a textura do cabelo e o formato do nariz. Em alguns casos, o pardo também é ridicularizado como um “falso branco” — alguém que tentaria reivindicar uma ancestralidade branca, mas cujo aspecto físico seria alvo de zombaria. A imagem dos pardos nos grupos é usada para representar o subdesenvolvimento do Brasil por conta da miscigenação.

TERRITORIALIDADE

A categoria Territorialidade no discurso racista envolve a relação entre raça e territórios marginalizados, abordando questões ligadas a esses espaços e suas associações pejorativas. O termo "favelado", por exemplo, é utilizado de forma depreciativa, evidenciando uma conexão entre racismo e território, onde a identidade territorial serve como justificativa para o tratamento desigual e a discriminação.

INSTAGRAM | Como se expressa?

Uma das formas de expressão pode ser percebida a partir do termo "favelado" em duas principais vertentes. A primeira, em contextos de resistência e afirmação identitária, é usada como um símbolo de superação, orgulho e pertencimento. No entanto, outra forma de uso, mais frequente em contextos racistas, está associada à marginalização e desvalorização. O termo "favelado" é utilizado para desqualificar e discriminar, associando os moradores de favelas a estereótipos de violência e criminalidade.

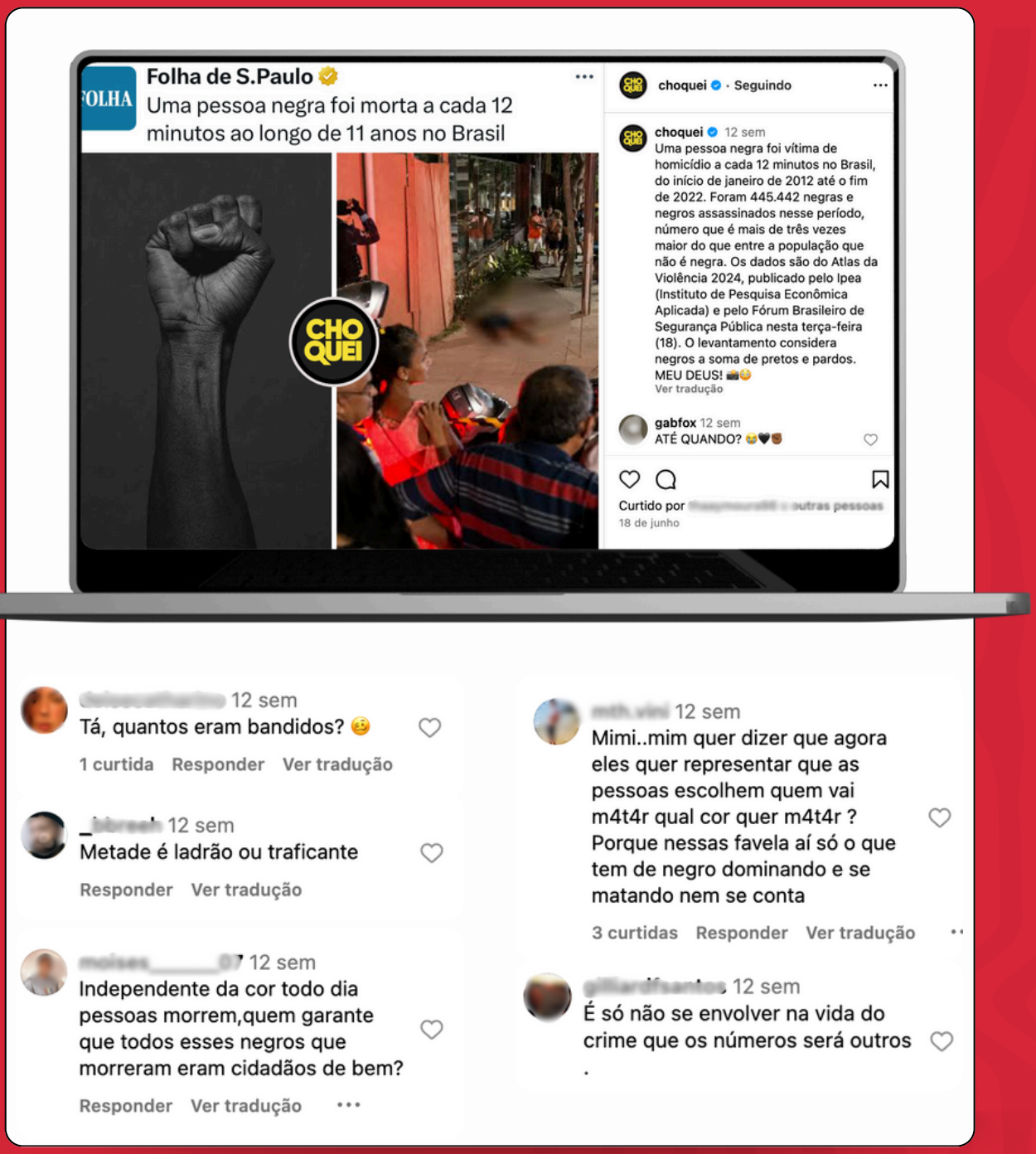

Imagem 3 - Post e comentários no Instagram relacionados à categoria Territorialidade

INSTAGRAM | Quais as características do discurso?

Tomemos como exemplo o post no perfil do Instagram Choquei, que compartilhou uma matéria da Folha de São Paulo com o título “Uma pessoa negra foi morta no Brasil a cada 12 minutos ao longo de 11 anos”. **Nos comentários da postagem, surge uma discussão em que algumas pessoas relacionam as mortes à ideia preconceituosa de que pessoas negras são predominantemente bandidas e faveladas.**

As mensagens racistas postadas nos comentários se referem diretamente às pessoas negras, **associando suas mortes à criminalidade e à favela, como se todos os negros que morrem fossem automaticamente envolvidos em atividades ilícitas.** Comentários como *“Porque nessas favelas aí só tem negro dominando e se matando”* e *“Metade é ladrão e traficante”* explicitam essa relação discriminatória. Os autores dos comentários utilizam o território da favela como um marcador racial e criminal, sugerindo que o ambiente em que essas pessoas vivem define seu comportamento. Há uma tentativa de minimizar a questão racial e transformar as vítimas em culpados.

Uma das principais estratégias utilizadas nos comentários é a desumanização das pessoas negras. Ao associá-las automaticamente à criminalidade, como no caso da frase “Porque nessas favelas aí só tem negro dominando e se matando”. A desumanização também aparece quando sugerem que a cor da pele e o lugar onde vivem definem se a pessoa é ou não digna de empatia ou de direitos. Ao questionar se as vítimas eram “cidadãos de bem”, os autores negam a violência sofrida pelas pessoas negras, sugerindo que suas mortes podem ser justificáveis por uma suposta associação entre território e criminalidade.

TELEGRAM | Como se expressa?

A categoria territorialidade no discurso racista do **Telegram se manifesta principalmente através de mensagens de desprezo voltadas ao Nordeste** do Brasil. Esses discursos desqualificam a população nordestina, relacionando-a a traços raciais específicos e perpetuando a ideia de inferioridade tanto cultural quanto socioeconômica.

Imagem 4 - Postagens do canal "Nordestekkk" no Telegram

QUAIS AS CARACTERÍSTICAS DO DISCURSO?

O discurso racista na categoria territorialidade se caracteriza principalmente pela associação entre humor e ataques racistas. Nos grupos do Telegram, **memes e imagens são utilizados para reforçar narrativas que desvalorizam regiões com maior presença negra e indígena,** naturalizando desigualdades e promovendo discursos de exclusão.

Esses ataques se expressam de diversas formas, desde a desumanização, como na associação entre nordestinos e macacos, até a ridicularização de traços físicos de pessoas negras vinculadas à identidade nordestina. Além disso, há a construção de uma hierarquia entre regiões, sugerindo que estados do Sudeste, especialmente São Paulo, sustentam o Brasil, enquanto o Nordeste seria um fardo para o país.

Nos chats analisados, um dos aspectos mais marcantes do racismo ligado à territorialidade é a repulsa à culinária nordestina. As imagens (figura 1) exploram pratos típicos da região, como buchada de bode e miolos de bode, sempre retratados de forma pejorativa. Os pratos simbolizam as diferenças culturais entre o Nordeste e as regiões Sul e Sudeste, onde o consumo de partes menos valorizadas dos animais é visto com estranhamento ou desprezo. Assim, a desvalorização da comida também se estende à forma como o povo nordestino é representado, reforçando a ideia de inferioridade em relação às populações do Sul e Sudeste.

Imagem 5 - Postagens do canal "Nordestekkk" no Telegram

GÊNERO

A categoria Gênero no discurso racista se refere à intersecção entre ataques racistas, sexistas e misóginos direcionados às mulheres negras. Esses ataques combinam preconceitos raciais e de gênero, amplificando a violência simbólica e verbal sofrida por esse grupo. A presença de estereótipos associados à imagem da mulher negra é marcante, tornando-a alvo de uma dimensão particular de agressões nas redes sociais. Segundo pesquisa da Faculdade Baiana de Direito (2023), quase 60% das vítimas de racismo e injúria racial nas redes sociais são mulheres. Os tipos mais comuns de ataques incluem nominações pejorativas e animalização.

INSTAGRAM | Como se expressa?

Se expressa destacando aspectos físicos das mulheres negras como traços inferiores, utilizando estereótipos para desqualificar sua aparência e identidade. Uma das formas mais recorrentes é a crítica ao cabelo crespo, frequentemente descrito de maneira pejorativa como "ruim" ou que precisa ser "corrigido". O discurso também se concentra em outros aspectos da aparência física, como o nariz largo ou os lábios grossos. Esse tipo de discurso opera tanto para desumanizar quanto para desqualificar, com objetivo de manter mulheres negras em uma posição de marginalização estética e social.

Uma postagem no perfil de entretenimento Choquei, destacava a mudança de cabelo de Leidy Elin, participante do reality show Big Brother Brasil. Leidy Elin ao adotar seu cabelo crespo e curto, foi alvo de comentários racistas. Comentários como "melhor raspar e nascer de novo", "como alguém acha uma coisa dessa linda, misericórdia, tem gosto pra tudo", e "não vou dizer o que penso pois não tenho advogado para me defender" exemplificam a rejeição ao cabelo crespo, um traço físico muito racializado e frequentemente alvo de preconceito.

Essas reações não apenas desvalorizam a estética negra, mas também sugerem que o cabelo natural de Leidy é algo inaceitável e que precisa ser "corrigido". O tom depreciativo dos comentários reforça estereótipos que associam o cabelo crespo a algo feio ou indesejável, perpetuando uma ideia de que a aparência negra é intrinsecamente inferior.

Imagem 6 - Post e comentários no Instagram relacionados à categoria Gênero

INSTAGRAM | Quais as características do discurso?

As estratégias do discurso são a desqualificação, ao tratar o cabelo crespo como algo feio e inaceitável. Ao sugerir que ela "raspe e comece de novo", os agressores implicitamente afirmam que a aparência natural de Leidy não tem valor. Isso reforça a narrativa de que características negras são indesejáveis, desqualificando e negando sua identidade.

TELEGRAM | Quais as características do discurso?

No Telegram, o canal "*muiekkk*" é caracterizado pelo compartilhamento de conteúdo de caráter misógino, apesar disso, ele também apresenta conteúdos racistas. As imagens com conteúdo racista se sobrepõem aos estereótipos misóginos e machistas.

De modo geral, as mulheres são descritas como seres promíscuos e interesseiros, sempre "à espreita" para dar um golpe no próximo homem "inocente". É muito comum encontrarmos estereótipos associados ao termo MSOL, utilizado para se referir às mães solteiras que foram abandonadas pelos pais dos filhos. Neste grupo, esta prática está associada aos homens negros, especialmente àqueles que tiveram parceira brancas.

Por outro lado, as mulheres negras são descritas como hipersexualizadas e retratadas de forma caricatural, sempre tendo os seus traços físicos associados à feiura e animalização em contraste com as mulheres brancas - consideradas mais atraentes nas mensagens - embora estas também sejam descritas como interesseiras.

Imagem 7: Exemplo de imagem que circula no grupo "muiekkk"

Nas fotos* analisadas nos grupos do Telegram, a representação da mulher negra se destaca de forma caricatural e pejorativa, especialmente em relação à estética. Um dos temas mais recorrentes é a comparação entre imagens de mulheres negras com e sem maquiagem, usada para reforçar a ideia de que a beleza negra não se encaixa nos padrões estéticos considerados ideais.

*Nota: Optamos por não adicionar, neste estudo, as imagens originalmente compartilhadas no grupo do Telegram "muiekkk", a fim de preservar a identidade das vítimas

Nesse contexto, a maquiagem é retratada como um “disfarce”, sugerindo que mulheres negras a utilizam para projetar uma beleza que, segundo esse discurso racista, não existiria, enganando os homens. De forma satírica e ofensiva, algumas imagens vão além e insinuam que nem mesmo o uso de maquiagem ou a tentativa de se adequar ao padrão de beleza branco, como o uso de perucas loiras, seria suficiente para alcançar esse ideal.

PARA REFLETIR

Para enfrentar de maneira eficaz o racismo nas redes, as plataformas precisam adotar uma abordagem não apenas automatizada, mas que seja capaz de identificar e avaliar o cenário mutável e contextual das postagens racistas. Isso envolve investir em moderação humana contínua, com treinamentos frequentes sobre racismo estrutural, linguagem inclusiva e formas de identificar e combater discursos de ódio online, garantindo que os moderadores compreendam as nuances culturais e linguísticas. Além disso, políticas claras e transparentes devem ser estabelecidas e aplicadas de forma consistente, com canais acessíveis para denúncias e prazos rigorosos para análise. A colaboração com especialistas em diversidade e inclusão também é essencial para aprimorar essas diretrizes e ferramentas, assegurando um ambiente digital mais seguro.

NOTA METODOLÓGICA

Redes de superfície | Instagram

Os casos analisados nas redes de superfície tiveram como base casos monitorados pelo Observatório de Racismo nas Redes em 2024. **A base para a construção do corpus do Observatório baseia-se no acompanhamento de 37 perfis em redes sociais, considerando todos os comentários feitos em postagens de personalidades negras.** Essas personalidades estão agrupadas em seis categorias:

- ARTISTAS
- INTELECTUAIS
- INFLUENCIADORES
- NOVOS INFLUENCIADORES
- JOGADORES DE FUTEBOL
- JORNALISTAS

Já coletamos mais de 1 milhão de publicações no X (antigo Twitter), Instagram, TikTok e Youtube.

A partir dessa delimitação, trabalhamos com a coleta de todos os posts publicados por esses perfis no Instagram, bem como os respectivos comentários. Além disso, consideramos também a filtragem desses posts a partir de palavras-chave (queries) e enquadramento nas dimensões do racismo conforme relatório anterior, por meio de scrappers diretamente das APIs do Instagram. O resultado destas coletas foi armazenado num data lake, a partir de onde foram tratados, pré-analisados e projetados em painéis para visual analytics. Vale ressaltar que a análise deste Relatório especificamente é referente ao Instagram.

Redes de superfície | Telegram

Considerando a multiplicidade e diversidade de chats (grupos e canais) monitorados em tempo real pelas equipes do LABHDUFBA, **optamos por selecionar 3 canais do Telegram com postagens notoriamente racistas. juntos esses chats acumulam 20.659 imagens de dezembro de 2019 e outubro de 2024**. Desta forma, chegamos aos chats:

A partir da seleção desses canais foi aplicado um método de clusterização de imagens para vislumbrar o padrão de imagens compartilhadas. Essa abordagem foi adotada em vista da limitação do uso de queries para buscar imagens nesse contexto, uma vez que em muitas situações as imagens são compartilhadas sem nenhuma legenda. A metodologia aplicada visa identificar as formas hegemônicas em que o racismo se manifesta nesses chats.

Junto a contextualização das imagens, formulamos queries para buscar termos que pudessem demonstrar o que cada canal “pensa” sobre as imagens apresentadas. Devido à natureza dos canais no Telegram, onde as interações são hegemonizadas pelos administradores, não há de forma comum um enorme conjunto de mensagens, mas as mensagens selecionadas são significativas para esse propósito.

Desde 2021, o LABHDUFBA tem pesquisado radicalização política, desinformação, discursos de ódio e violência online, com foco no Telegram. **Para isso, foi desenvolvida uma solução em Python que se conecta à API do Telegram, permitindo a coleta em tempo real de dados em formatos variados (áudio, texto, vídeo e imagem), armazenados e indexados via ELK Stack. O ElasticSearch é o software onde é armazenada a base de dados coletada**. Utilizando Kibana, foram criados dashboards que possibilitam a análise dos dados sem requerer conhecimento avançado em programação. Atualmente a base de dados conta com dados relacionados a cerca de 2.189 chats (grupos e canais) do Telegram, dos quais alguns forneceram dados para a elaboração deste relatório.

A metodologia da pesquisa, denominada "vigilância-como-método", envolve a utilização de métodos computacionais para extrair grandes conjuntos de dados, que facilitam a análise detalhada dos comportamentos e interações nas plataformas digitais. Em termos éticos, os pesquisadores do LABHDUFBA atuam como "lurkers", sem interação ou produção de conteúdo nos grupos analisados, e a presença nos grupos não é divulgada. Os dados são utilizados exclusivamente para pesquisa científica, seguindo precedentes de investigações em mercados ilícitos e comunidades estigmatizadas.

Aláfia Lab

O Aláfia Lab é um think tank que se dedica a pensar as relações entre transformação digital e transformação social. Seus projetos atuam no sentido de produzir conhecimento e impacto em questões ligadas a como as dinâmicas online impactam concretamente a vida das pessoas. O Aláfia atua nas áreas de (1) pesquisa, com a produção de conhecimento inovador sobre fenômenos na interface entre política digital e a vida cotidiana; (2) compartilhamento de conhecimento com a sociedade civil; (3) advocacy, ao impactar as decisões políticas a partir da produção ampliada de conhecimento e de pesquisas aplicadas; e (4) mídia, a partir da cobertura jornalística de questões ligadas ao fenômeno da desinformação. O Aláfia Lab é o laboratório digital para a transformação social sediado em Salvador, Bahia.

Laboratório de Humanidades Digitais da UFBA (LABHDUFBA)

O LABHDUFBA – Laboratório de Humanidades Digitais da UFBA, foi estabelecido em 2018 em associação com o Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCS) e o Instituto de Ciência, Tecnologia e Inovação (ICTI/UFBA). O laboratório está devidamente registrado no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq e vem estabelecendo parcerias com universidades e instituições de pesquisa nacionais e internacionais. Seu princípio orientador é promover a confluência entre tecnologias digitais e ensino, pesquisa e extensão nas humanidades e ciências sociais. De maneira esquemática, o laboratório tem como objetivos: a) contribuir para a disseminação de uma prática de pesquisa/ensino e extensão digitalizada; b) promover investigações sobre os impactos do uso de tecnologias digitais; c) criar e manter repositórios de dados digitais abertos para diversos pesquisadores; e d) fomentar a aproximação e o diálogo entre as humanidades e o campo das tecnologias.

SOBRE O PROJETO

O Observatório do racismo nas redes é um projeto do Aláfia Lab que visa ampliar a capacidade de monitoramento e combate a conteúdo racista publicado em redes sociais digitais. Atuamos na construção de métodos e técnicas capazes de organizar o conhecimento em torno das variadas formas de racismo em ambientes digitais. Em outras palavras, é um modo de abordar suas dimensões mais marcantes, não apenas a ofensa em si, mas em como essa ofensa pode se estruturar política, social e culturalmente.

ALÁFIA LAB

APOIO:

INTERNET LAB IBIRAPITANGA Ford Foundation

REALIZAÇÃO:

L4BHD UFB4 ALÁFIA LAB